



A agroecologia para os produtores da Feira da UFMG: construindo sentidos através da diversidade

Agroecology for producers at UFMG Fair: building meanings through diversity

SOUZA, Fernanda Louro¹; CUNHA, Charles Moreira²

¹ Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, emaildafernandalouro@gmail.com; ² Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, charlescunha@hotmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: A Feira da UFMG ocorre quinzenalmente num espaço privilegiado do campus da Universidade Federal de Minas Gerais, agrupando 34 produtores da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Os feirantes foram selecionados através de um edital de chamamento público, no qual não foi cobrada uma certificação agroecológica ou orgânica formalizada, bastando que se declarassem agroecológicos e se comprometessem a buscar a transição e a certificação. O intuito do trabalho é descobrir o que os feirantes entendem como agroecologia. Para isso, foram realizadas entrevistas narrativas com uma amostra representativa dos feirantes quanto à diversidade de origens, experiências, conhecimentos e histórias de vida. As falas apontaram para uma multiplicidade de sentidos para o termo agroecologia, abarcando diversas dimensões, como a vinculação à natureza, o resgate de conhecimentos ancestrais e a luta pela terra.

Palavras-chave: agroecologia, feira, sentidos, conceitos.

Introdução

A Feira da UFMG, uma feira de produtos da agroecologia e da economia popular solidária, ocorre durante os meses letivos da Universidade, com periodicidade quinzenal. Desde 2016 ocupando a praça de serviços, um espaço central do *campus* Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais, a Feira já está identificada como parte do cotidiano da Universidade, sendo muito procurada por membros da comunidade universitária e também por moradores dos bairros do entorno do *campus* para a compra de produtos frescos e como fonte de alimentação rápida.

Atualmente, participam da Feira 34 empreendimentos, oriundos de 12 cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e Colar Metropolitano, trazendo uma grande variedade de produtos: mudas, biofertilizantes, hortaliças, frutas, carnes defumadas, queijos, doces em compota, doces de tacho, conservas, geleia, mel, cereais, lanches para consumo imediato, fitoterápicos, sabonetes e outros cosméticos artesanais, entre outros. A estrutura organizativa da Feira é horizontalizada, com os participantes se distribuindo em grupos de trabalho, nos quais são responsáveis por algum aspecto da Feira: comunicação, infraestrutura, controle social, educação. A autogestão é um dos princípios norteadores da Feira.



O atual grupo de produtores foi selecionado através de um edital de chamamento público que priorizou a admissão de produtores autodeclarados agroecológicos. Não foi exigida pelo edital uma certificação orgânica ou agroecológica formal. Os produtores são estimulados a aderirem ao Sistema Participativo de Garantia (SPG) da RMBH, priorizando a atuação em seus territórios. Através dessa seleção, foram admitidos no grupo de produtores membros de ocupações urbanas, membros de assentamentos da reforma agrária, uma banca com produtos de assentamentos diversos do MST e alguns coletivos de pequenos agricultores familiares. Os demais participantes são agricultores familiares e pequenos produtores, das zonas urbanas e rurais, com diferentes níveis de envolvimento com a agroecologia e com a economia popular solidária. Mulheres constituem a maioria do grupo (57%), e a faixa etária predominante está entre 35 e 59 anos, representando 64% do total de produtores. A Feira agrega uma riqueza de situações trazidas por seu grupo de feirantes: a diversidade de origens, experiências prévias, produtos comercializados, formas de produção e de organização manifestam-se em seu cotidiano, influenciando as percepções e entendimentos partilhados e construídos pelo grupo.

Metodologia

Como os produtores da Feira da UFMG entendem a agroecologia? Para participar da Feira, os feirantes se autodeclararam agroecológicos, mas qual significado esse termo carrega para eles? Essas foram as perguntas norteadoras deste trabalho, incitadas pela convivência com o grupo e observação da manifestação de sua diversidade nas práticas cotidianas de trabalho.

Este trabalho foi elaborado como parte da construção de uma pesquisa de mestrado em Educação, ainda em desenvolvimento. Foram realizadas entrevistas narrativas com sete feirantes, selecionados com a intenção de se criar um grupo representativo da diversidade encontrada no universo da Feira. Os entrevistados são identificados no texto pela letra inicial de seu nome. As entrevistas foram realizadas em dia, horário e local à escolha de cada produtor.

Dentre as metodologias de pesquisa qualitativa, a escolha da entrevista narrativa para o desenvolvimento da pesquisa se deu baseada nas palavras de Inês Teixeira e Karla Pádua (2006):

(...) a entrevista narrativa, por suas características e singularidade comparativamente a outras modalidades de entrevista, como as semi-estruturadas, pode ser um importante recurso metodológico na análise destas dinâmicas interculturais e movimentos de subjetivação. Neste sentido, supondo uma menor intervenção do pesquisador, seu segredo está na elaboração de uma boa questão gerativa capaz de provocar uma narração do sujeito, cujos aspectos relevantes podem representar para os/as narradores/as algo muito além do que representará para a pesquisa e o conhecimento da vida social (Teixeira e Pádua, 2006, p.3).

Teixeira e Pádua (2006) pontuam algumas condições e especificidades para a realização das entrevistas narrativas: a busca pela informalidade, espontaneidade e



confiança dos entrevistados, a ser realizada pelo narrador; uma delicadeza cuidado e no zelo com os entrevistados; o planejamento cuidadoso da realização das entrevistas, incluindo datas, horários, duração e locais de realização, que devem ser de escolha dos colaboradores; a atenção ao tempo do silêncio e a expressão corporal, gestualidade e emoção dos entrevistados; e a capacidade de escuta do entrevistador.

Resultados e Discussão

A construção da agroecologia é um fenômeno ainda recente. Sua definição ainda não foi consolidada (Guhur e Toná, 2012). O termo agroecologia carrega uma multiplicidade de sentidos, podendo ser utilizado em diferentes contextos, referindo-se a um conjunto de práticas de cultivo ou a um movimento social. Seu significado varia entre diferentes culturas, países ou mesmo regiões, dependendo do seu processo constitutivo, e traduções errôneas também contribuem para essa variabilidade semântica (Wezel *et al*, 2009).

A palavra "agroecologia" foi utilizada em publicações científicas pela primeira vez em 1928, em um estudo de um agrônomo russo sobre a aplicação de métodos ecológicos em pesquisas sobre plantas de interesse comercial. Essa definição preliminar situa a agroecologia como sendo a aplicação da ecologia na agricultura, um significado que ainda é bastante empregado atualmente. Desde então, o uso desse vocábulo tem crescido continuamente, notadamente nos anos mais recentes, como mensura o estudo conduzido por Wezel e colaboradores (2009).

O entendimento de que a agroecologia está relacionada a uma maior integração com a natureza, uma visão holística, carregada de um sentido de integração entre os seres, esteve presente nas narrativas de todos os entrevistados. A produtora de saboaria natural E. L. descreveu: "Agroecologia é uma forma de se alimentar com respeito à natureza. A gente não precisa chegar e arrancar tudo que tá ali. Eu posso deixar aquela árvore, o problema não é ela." A descrição da produtora se aproxima da definição do agricultor urbano G.:

Agroecologia é pensar no todo, no cuidado com a terra, com o ser humano, com o nosso planeta. Vai muito além só do alimento, as relações humanas são importantes também. É o pensamento no todo, expresso nos alimentos, mas é a visão de um todo, de preservação, de respeito.

Da mesma forma, E.A., produtora de pães, identifica a sustentabilidade como cerne da agroecologia:

Eu até escrevi isso outro dia, num trabalho. Eu entendo que a agroecologia é a sustentabilidade por meio dos recursos da natureza. A sustentabilidade da vida humana, animal, vegetal, mineral. Ela gera a sustentabilidade da raça humana, de animal, vegetal, mineral, em todos os reinos.



T., agricultor rural, também aborda a conexão entre a produção de alimentos e a natureza em suas falas sobre agroecologia:

Acho que o melhor exemplo de agroecologia é trabalhar utilizando esses recursos num casamento. Agroecologia é produzir respeitando os meios, respeitando os sistemas, de acordo com a lei da natureza. A lei da natureza é quem tem que mandar, não é a lei humana. Agroecologia é a lei da natureza. O nome nem deveria ser agroecologia porque quando fala agroecologia todo mundo já entende que é agronegócio, e não tem nada a ver. Agroecologia: agro é a cultura da terra, e ecologia... então é a ecologia da agricultura, né? Então, é obedecer os sistemas de acordo com a lei da natureza.

Já a agricultora familiar D. trouxe um relato que considera outras dimensões como constituintes da agroecologia: as relações de trabalho e o sentimento de pertencimento ao território e de conexão com a natureza.

Agroecologia é produção, é comida saudável, é tradição, é cultura. Te dá a possibilidade de um trabalho coletivo e solidário. Te dá uma perspectiva de vida mais feliz, porque eu acho a produção uma coisa incrível. Às vezes eu penso assim: 'Nossa, isso é muito divino! Você pega o leite da vaca e faz um doce, você faz um queijo, faz uma ricota'. Quem não tem esse sentimento agroecológico vai no supermercado e acha que as coisas nasceram ali. A agroecologia dá o sentimento de você pertencer ao meio de produção natural. Sem veneno, sem agressão à natureza, com respeito à natureza, com amor à natureza. A agroecologia é uma coisa que norteia o sentimento de vivência com o alimento, com a produção e pra mim, que sou feirante, com vendas.

O agricultor urbano P. fez um relato de toda a sua vida, enfatizando como a agroecologia trouxe oportunidades de crescimento e estabilidade financeira para ele e para sua família. O agricultor estava afastado do mercado de trabalho da construção civil, no qual trabalhava desde a juventude, por ter sofrido um acidente. Plantava agroecologicamente, de forma espontânea, uma horta no seu quintal, e foi estimulado a comercializar sua produção. Com o recurso gerado pelas vendas, manteve financeiramente sua família, concluiu a construção de sua casa e criou os seus filhos. O trabalho na horta é um elo entre as gerações de sua família.

Pra mim, a agroecologia mudou a minha vida toda. A minha e da minha família. Meu neto tá com sete anos. Se ele não estivesse mexendo comigo, não sabia nem como plantar um pé de alface, e ele planta. Um rapazinho de sete anos que já semeia, já planta, avisa a vó que tem que ligar a água porque os canteiros estão secos. Tem coisa melhor que isso não!

A agricultora urbana V. traz uma perspectiva religiosa para a sua visão de agroecologia:

Pra mim, agroecologia é tudo. É alimentação saudável, é a saúde da gente, é o preparo da terra, muito bom. Agroecologia, pra mim, é vida. É você querer aquilo que Deus te deu. Você tá plantando, tá colhendo, tá cuidando com carinho, porque muitas vezes a gente não imagina que a agroecologia é uma coisa que Deus deixou, aí o homem tomou conta do jeito dele, só



quis dinheiro. (...) É mexer na terra com carinho, porque Deus deu a terra pra gente cuidar dela e muitas vezes nós não cuida. Você maltrata a terra.

V. também aborda a coletividade e a solidariedade como importantes dimensões da prática agroecológica:

A agroecologia é você ter o coletivo, fazer a troca, trazer a semente de onde você vai, levar pra onde você vai. Se um precisar de uma ajuda, eu irei lá. Se eu preciso de ajuda, alguém ir lá. Essa troca é que faz levantar a agroecologia. Muitas vezes a gente fala 'Eu sou da agroecologia', e quando a pessoa fala que tem uma muda e pede "Você me dá essa muda?" 'Eu não posso ". Então não é agroecológico. Pra ser agroecológico, se você chegar na minha casa e tiver uma muda, do que tiver, eu posso tirar, pode ser uma muda mas até ela eu posso te dar. Você vai levar ela e se ela pegar você vai ter pra dar pra frente.

As narrativas dos feirantes demonstram que a dimensão científica da agroecologia, que trata de suas técnicas e práticas de produção agrícola, é indispensável para o seu entendimento, porém não é capaz de esgotá-lo. Sevilla Guzmán (2001) destaca a agroecologia como um contraponto "à ciência convencional", constituindo a iniciativa de "uma nova epistemologia, participativa e de caráter político", "respeitando a diversidade ecológica e sociocultural e, portanto, outras formas de conhecimento, propugna pela necessidade de gerar um conhecimento holístico, sistêmico, contextualizador, subjetivo e pluralista, nascido a partir das culturas locais" (Sevilla Guzmán, 2001, p.35). Os conhecimentos locais, seus processos contínuos de construção e reconstrução e suas articulações são indispensáveis para a constituição dos projetos agroecológicos.

Alguns dos entrevistados relataram surpreenderem-se ao identificar, ao longo de sua caminhada, que práticas e técnicas utilizadas por eles, herdadas de suas famílias, são agroecológicas. Um desses relatos é o da agricultora urbana V.:

Lá em casa eu já mexia com a agroecologia e não sabia o que era. A gente misturava as folhas pra plantar batata. Então aquelas folhas iam apodrecendo e a gente plantava batata, dava aquele tanto. Já era produção agroecológica. A lenha que a gente roçava, a gente não queimava. A gente tinha fogão a lenha e a gente levava pra casa. Agroecologia é isso."

A contraposição entre a agroecologia e o agronegócio como estrutura de poder constituída foi abordada pelo entrevistado T., que destacou a luta pela terra em sua narrativa, enfatizando que "o nome nem deveria ser agroecologia porque quando fala agroecologia todo mundo já entende que é agronegócio, e não tem nada a ver." Entre o agronegócio e a agroecologia

não há possibilidade de coexistência, uma vez que se trata de uma disputa conflituosa por terra, território e condições de produção e comercialização, que reafirma a questão agrária como um problema estrutural do capitalismo" (Guhur e Silva, 2021).



É perceptível também como as relações entre os feirantes baseiam-se em princípios de solidariedade e de alteridade, dimensões importantes que permeiam as narrativas em diferentes pontos, conforme ilustrado por V.

Agroecologia é tudo plantado com amor, sem veneno, dividindo. Eu vendo, mas eu também posso dar. É pra mim, pro meu vizinho, pra quem precisar. Toda a vida a gente teve isso lá, com parceria. A abóbora que eu cozinho eu posso dar um pedaço pra cada um. Aqui, às vezes, o pessoal fala 'Você tá me dando! Mas eu não posso!'. Pode sim, gente!

Outras dimensões apresentadas pelos agricultores e produtores entrevistados abarcam questões de saúde, especialmente ligadas ao uso de agrotóxicos, à soberania e à segurança alimentar e nutricional, à variedade de cultivos. Conforme resumido pela agricultora D.: “uma produção que represente a comida de verdade, um trabalho voltado pro resgate do tradicional, que era de plantar sem veneno e sem prejudicar a natureza.”

Conclusões

As narrativas trazidas pelos feirantes apontam para a identificação de múltiplos sentidos, propósitos e dimensões identificados na agroecologia. A riqueza das narrativas reflete as experiências, conhecimentos e histórias de vida de cada produtor. Pelo conjunto das falas, a vivência da agroecologia vai muito além de um apanhado de práticas e técnicas de cultivo, sendo compreendida como uma forma de vida. Conforme Guhur e Silva (2021): “a agroecologia compreendida como práxis sugere que a produção agroecológica articula-se com as outras dimensões da vida dos sujeitos: cultural, social, afetiva, lúdica, sendo assim a agroecologia também identificada como um modo de vida”.

Referências Bibliográficas

GUHUR, Dominique P.; SILVA, Nívia R. Agroecologia. In: DIAS, Alexandre P.; STAUFFER, Anakeila B.; MOURA, Luiz H. G.; VARGAS, Maria C. (org). **Dicionário de Agroecologia e Educação** 1.ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 59-73.

GUHUR, Dominique P.; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: CALDAR, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org). **Dicionário da Educação do Campo**. 1.ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 59-67.

SEVILLA-GUZMAN, Eduardo. **Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia**. Agroecol. Desenv. Rur. Sustent. Porto Alegre. v.2., n.2, jan/mar. 2001. Disponível em: <<http://www.projetovidanocampo.com.br/agroecologia/>>. Acesso em 30 março de 2022.



TEIXEIRA, Inês A. C.; PÁDUA, Karla C. **Virtualidades e alcances da entrevista narrativa**. Programa de Pós-graduação em Educação. UFMG, 2006.

WEZEL, Alexander, BELLON, Stephane, DORÉ, Thierry. *et al.* **Agroecology as a science, a movement and a practice**. A review. *Agron. Sustain. Dev.* 29, 503–515 (2009). <https://doi.org/10.1051/agro/2009004>